

Campanha espera pela TV

Villas-Bôas Corrêa

A ausência de Collor de Mello e o hiato nas pesquisas abriram um vácuo na campanha que não está conseguindo aquecer-se sem a participação do, até aqui, favorito absoluto, e apenas com a eventual presença de candidatos em programas de televisão.

Era isso mesmo o que Collor pretendia: sair do foco por algum tempo para proteger-se do risco de desgaste, como alvo natural da artilharia dos adversários.

Resta saber se deu certo. No vazio, à falta de dados objetivos, a especulação solta-se, espicada pelo clima de tensão e nervosismo que envolve, como nevoeiro, a sucessão que coleciona surpresas e, portanto, promete novidades para a reta final.

A imaginação é livre. Convenhamos que até certo ponto. Nas avaliações que antevêm o despencar de Collor e alterações substanciais no quadro de candidaturas, há muito mais torcida do que a isenta tentativa de enxergar o amanhã, tal como será e não como desejamos que seja.

A infundável e costumeira discussão sobre a seriedade das pesquisas de empresas sérias sobre as tendências de voto, abastecida por exemplos de erros, acertos e contradições, não tapa a evidência de que os índices são insubstituíveis como ponto de partida para qualquer projeção.

Vivemos um instante típico. Collor esbofa-se em exaustivo itinerário europeu e o balanço do noticiário dos correspondentes e agências insinua combinação de êxito de alguns lances de roteiro planejado para as repercussões internas, como a visita ao papa João Paulo II, com desencontros glosados com farta dose de picardia.

Até onde sucessos e falhas de agenda da peregrinação pela Europa influíram na intenção de voto dos 80 milhões de eleitores, sabidamente desatentos ao que se passa fora da sua rua, do seu bairro, no máximo de sua cidade?

Pura perda de tempo tentar adivinhar desvios no comportamento de milhões.

A eleição para o primeiro turno de 15 de novembro, faltando, portanto, cinco meses e 17 dias para a rodada de urna, autoriza algumas afirmações ousadas, lastreadas pela experiência e pelo que está à vista. Uma, é que os índices das pesquisas não antecipam resultados percentuais dos votos que serão apurados, com a prometida celeridade, pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Claro, em cinco meses e meio, a colocação dos candidatos sofrerá profundas alterações. A crescente exasperação da sociedade com as ameaças de hiperinflação e as reviravoltas birutas das primeiras colocações nas pesquisas, sugerem final de campanha fervente, com o eleitor dominado pelas emoções da hora,



instável na definição do candidato e determinado a votar sob os impulsos da raiva e da esperança.

Mas, até 15 de setembro, quando se forma a rede nacional de rádio e televisão para as duas horas diárias de propaganda eleitoral gratuita que se estenderão por dois meses, até 13 de novembro, a cotação dos candidatos não promete grandes alterações. O que não quer dizer que elas não possam ocorrer de uma hora para outra, com ou sem explicação racional.

Até a massificação da campanha, com o confronto dos candidatos — seja com a improvável realização de debates ou pela comparação do desempenho de cada um nas fatias de tempo distribuídas pelo critério da representação parlamentar dos partidos que os apoiam —, o acompanhamento fica por conta das pesquisas. E entradas em duas verificações fundamentais: a primeira, é se Collor prossegue em ascensão constante e velocidade crescente; a segunda, se algum outro candidato apresenta sinais de recuperação, invertendo a tendência de queda para a estimulante perspectiva da virada. É sabido que na pesquisa a tendência é mais importante que os índices percentuais.

Se a campanha não antecipar oscilações agora, o jeito é esperar e, conforme a posição de cada um, torcer para que o rádio e a televisão, invadindo os dois meses finais e decisivos com o impacto tonteante de audiência estimada em números acima de 200 milhões de ouvintes e telespectadores, promovam lavagem cerebral no eleitorado, compelindo-o a rever sua tendência de voto, empurrando-o para a hesitação entre preferências equivalentes e rotativas, até a definição irrecorrível do voto depositado na urna.

Curioso e intrigante que partidos, lideranças e candidatos não parecem convencidos das singularidades de eleição que não se parece com nenhuma outra, não aconselha seguir à risca os ensinamentos históricos das poucas eleições presidenciais diretas da nossa turbulenta experiência republicana.

Desperdiça-se tempo irrecuperável no velho jogo miúdo de arranjos de cúpula, da cooptação de indecisos, dos acordos alinhavados com olhos voltados para cálculos sobre reeleição de deputados e senadores.

O doutor Ulysses não consegue sair do círculo de giz das futricas do PMDB, tecendo fio a fio, o remendo da crise com os moderados. Na rua, brigando pelo voto, ninguém. Nem os candidatos que se etiquetam de populares nem os conservadores brandindo compromissos com o social, na coceira da urticária progressista.

A campanha conteve a andadura, arrasta-se a passos. Porque está segura pelo retraimento tático do favorito e pela inação dos demais candidatos, apostando no milagre dos comícios para milhões, pelo rádio e TV.

No intervalo, a impaciência instiga palpites e aguçava esperanças. Pesquisa não eleje ninguém. Mas ajuda a acompanhar o risco da campanha. A decisão, porém, dependerá do candidato, do seu desempenho pessoal. É o que diferencia esta campanha de todas as outras: o eleitor é dono do seu voto. Enfim.